



ES HOJE

25

ANOS DE
ESPÍRITO
SANTO

Fundado em 19 de julho de 2000
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 21 de agosto de 2025)) Ano XXV)) Nº 1169
Edição Gratuita Diário)) www.eshoje.com.br

 /eshoje

 @eshoje

 eshoje

 eshoje

DIA A DIA

**Morte
assistida
em debate)) 4**



DIVULGAÇÃO

ARTIGO

**Voluntários
ajudam a
democracia)) 2**



DIVULGAÇÃO

CULTURA

**Fortalecendo
a arte afro
futurista)) 5**



PAULA BARBOSA

Trabalhadores por conta própria superam formais

Espírito Santo é o quinto estado no Brasil com maior criação de microempreendedores individuais, fechando ano passado com 71,3 mil)) 3

DIVULGAÇÃO



LUCAS IZOTON

Já pensou em atuar como voluntário?

Vivemos em um mundo repleto de desafios sociais, econômicos e comunitários. Diante disso, surge uma pergunta essencial: qual tem sido o nosso papel como cidadãos e líderes? Em meio à correria do cotidiano e às metas empresariais, muitas vezes deixamos de lado uma das formas mais nobres de contribuição: o voluntariado.

Atuo como voluntário há décadas e tive a oportunidade de participar de diversas organizações empresariais, comunitárias e sociais. Posso afirmar com convicção que essa escolha foi muito importante na minha vida — não apenas por me tornar mais consciente e empático, mas também por me proporcionar aprendizados que nenhuma formação técnica seria capaz de oferecer.

Quando falamos em voluntariado, muitos pensam apenas em doações financeiras. No entanto, a verdadeira essência está na doação de tempo, talento e presença. O Brasil possui uma rede vibrante de iniciativas que

precisam de pessoas dispostas a contribuir. Segundo o IBGE, mais de 7 milhões de brasileiros atuam como voluntários, apoiando causas que vão da educação à saúde, do empreendedorismo ao meio ambiente.

O voluntariado está presente nas entidades empresariais, como associações comerciais, federações e câmaras setoriais, onde empresários doam parte de seu tempo para defender interesses coletivos e construir ambientes de negócios mais justos e competitivos. Mas ele vai muito além disso.

É possível ser voluntário em clubes de serviço como o Rotary International, o Lions Club,

a Maçonaria, ou em clubes esportivos, associações de bairro, igrejas, escolas comunitárias, grupos de escoteiros, projetos culturais ou ações ambientais locais. Todos esses espaços oferecem oportunidades concretas de atuação e transformação. Em todos esses ambientes, o voluntariado se torna uma escola de vida, liderança e humildade.

A participação ativa em associações, conselhos ou comitês fortalece o espírito comunitário e aproxima o cidadão das decisões que impactam sua cidade e seu entorno. E mais: contribui para o fortalecimento da democracia, do diálogo e da responsabilidade social.

O voluntariado também é um ato de liderança. Cidadãos e empresários que se engajam nessas causas ampliam sua visão de mundo, desenvolvem competências interpessoais e constroem redes de confiança e colaboração. Não à toa, muitas lideranças nacionais e internacionais surgiram do trabalho voluntário em suas comunidades.

Como disse o líder indiano Mahatma Gandhi, “a melhor maneira de encontrar a si mesmo é se perder servindo aos outros”. E o mais interessante é que, ao ajudar, somos os maiores beneficiados: ganhamos significado, conexões huma-

nas, novos aprendizados e a sensação de pertencimento.

Por isso, meu convite é direto: já pensou em atuar como voluntário? Não espere o momento ideal, a agenda folgada ou o projeto perfeito. Escolha uma causa com a qual você se identifica e dê o primeiro passo — mesmo que pequeno.

Convido empresários, profissionais liberais, jovens e aposentados a se engajarem nas diversas organizações que precisam de apoio. Toda contribuição importa. E, como dizia Madre Teresa de Calcutá, “o que eu faço é uma gota no oceano. Mas sem ela, o oceano seria menor”.



Audiência



www.eshoje.com.br

7.515.540 page views em 2025

Impressões de anúncios
4.665.696

Engajamentos
681.303



Canal do Youtube

27.176 Inscritos

2.238.552 visualizações até agora

485.822 mil visualizações em 2025
24.844 horas em 2025

Programas autorais:

- EntreVistas
- Desenvolver
- ES Pod
- Pode Comer
- SaborES
- Transmissões de jogos de futebol de times do ES



Rádio Web

13351 ouvintes únicos Totais

8482 ouvintes únicos em 2025

Programas autorais:

- Manhã ES Hoje
- ESporte Hoje
- Som Daqui
- Direto ao Direito
- Conexão Total
- Transmissões de jogos de futebol de times do ES



Redes Sociais



174 mil seguidores



77.321 seguidores



2.247 seguidores



6.720 seguidores



2.638 contatos



Digital e Impresso

Formato impresso: periodicidade semanal - sexta-feira
distribuição Grande Vitória
2 mil exemplares/semana

Formato Digital: periodicidade diária - segunda a sex.
distribuição app de mensagens seg-sex

Revista da Folia: Impresso e digital Sazonal



Projetos especiais

Moqueca027

Troféu Melhores do Capixabão

MulherES

Cobertura do Réveillon de Vitória ao Vivo

1 de jan. a 16 jul. 25



A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Semanal

Rua Carlos Lindenberg, 40.
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110
Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP
danihcourtinho@eshoje.com.br

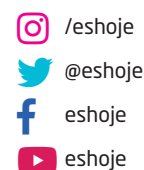
PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Andressa Mota
Carolina Boueri
Esthefany Mesquita
Giulia Reis
João Otávio Carvalho
Mariana Cicilioti
Thauane Lima
Thierry Khalil

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:



Total de trabalhadores por conta própria dispara

Espírito Santo é o quinto com maior criação de MEIs, fechando ano passado com 71,3 mil

REDAÇÃO MULTMÍDIA

jornalismo@eshoje.com.br

O número de trabalhadores por conta própria com CNPJ vem dando saltos no Brasil, e na maioria das atividades em que atuam eles têm obtido remuneração acima do que é pago a quem é empregado formal em profissões equivalentes.

Há casos em que a remuneração dos chamados PJ chega ao dobro (ou mais do que isso) em relação a quem trabalha com a carteira assinada. Isso tem estimulado milhões de trabalhadores a migrar para o regime conta própria, mas há também a suspeita por parte do MTE (Ministério do Trabalho e Emprego) de que muitos sejam obrigados por empregadores a deixar a carteira assinada para constituir uma empresa.

O resultado desse movimento tem sido uma considerável diminuição das contribuições de empregadores e empregados à Receita Federal e à Previdência Social, algo compensado em parte pelo aquecimento do mercado de trabalho e o aumento também das contratações formais.

Estudo do economista Nelson Marconi, da Eaesp (Escola de Administração de São Paulo da FGV), mostra que geralmente são os trabalhadores mais escolarizados os que estão obtendo maior remuneração como PJs em relação a seus equivalentes (nos mesmos setores) com carteira assinada.

PABLO VALADARES/CÂMARA DOS DEPUTADOS



“Nota-se hoje no mercado uma preferência pela autonomia e pela liberdade de jornada de trabalho”

Nelson Marconi, economista

O trabalho considera o rendimento médio das várias profissões analisadas (formais, informais e com ou sem CNPJ) igual a 1. Assim, é possível observar quanto recebem os empregados com carteira e os por conta própria com CNPJ em relação à média 1 a partir de dados da PnadC (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua).

"Nota-se hoje no mercado uma preferência pela autonomia e pela liberdade de jornada de trabalho, mas que não resulta em precarização em virtude do nível de escolaridade desse grupo", diz Marconi.

Mesmo em setores que não demandam muita educação e empregam maciçamente, como construção e comércio, os trabalhadores por conta própria com CNPJ ganham mais do que os empregados formais.

Para Marconi, a estrutura de altos custos no Brasil para contratar pessoas com carteira assinada leva os trabalhadores e empresas a um "trade-off": de um lado, o trabalhador opta por remuneração maior enquanto perde alguns direitos sociais (como férias e 13º); de outro, o empregado reduz custos, mas opera com colaboradores mais propensos à rotatividade, com menor dedicação e conhecimento das empresas em que atuam.

OBRIGAÇÕES

Outro trabalho da Eaesp estimou que empresas que contratam com carteira assinada têm de arcar com um custo 68,1% acima do salário pago para cobrir encargos trabalhistas, como FGTS, 13º, férias e INSS, entre outros. Em grande parte dos casos, ao contratar o trabalhador por conta própria com CNPJ e ao deixar de pagar essas obrigações, o empregador repassa parte do valor à remuneração do contratado.

O Ministério do Trabalho, porém, sustenta que muitos trabalhadores estão simplesmente sendo obrigados a abrir empresas para poder trabalhar. A pasta conduziu uma pesquisa com dados de 2022 a 2024 e constatou que 4,8 milhões de trabalhadores demitidos retornaram ao mercado como pessoas jurídicas - 3,8 milhões como MEI (microempreendedor individual) e 1 milhão em outras modalidades, como pelo Simples. O MTE sabe que são as mesmas pessoas pois o acompanhamento se deu pelo CPF do trabalhador.

"A reforma trabalhista de 2017 regulamentou a terceirização, e isso é permitido em lei em casos específicos, não negamos isso de forma



FOTOS: REPRODUÇÃO DA INTERNET

No painel de controle é possível identificar as especialidades mais demandadas, como neurologista

alguma, mas há parâmetros estabelecidos e isso não significa que possa haver uma pejetização irrestrita", afirma Dercylete Loureiro, coordenadora-geral de Fiscalização do Trabalho e Promoção do Trabalho Decente do MTE.

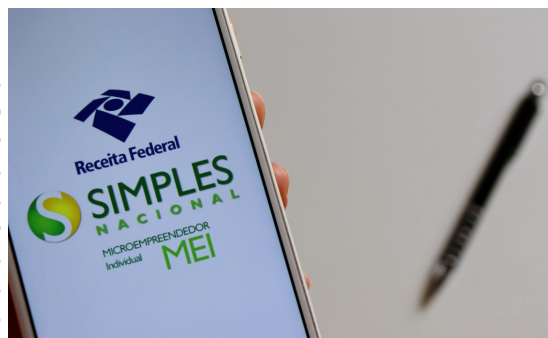
"Há muitos casos em que a pessoa não tem um CNPJ para empreender. Ao contrário, elas são obrigadas a isso para ter acesso a postos de trabalho", diz Loureiro afirma que, "se não for por amor [à lei], será pela dor" que a legislação terá de ser cumprida, em referência à perda de arrecadação que o Estado tem com a pejetização em massa.

Além de o empregador deixar de recolher uma série de obrigações, o trabalhador por conta própria com CNPJ também paga menos impostos e contribuição ao INSS. No caso dos 4,8 milhões que migraram da carteira assinada para a pejetização, eles e seus empregadores deixaram de recolher no período R\$ 61,4 bilhões à Previdência e R\$ 24,2 bilhões ao FGTS.

Segundo estudo da Eaesp, a arrecadação média gerada pelos trabalhadores por conta própria nos regimes de MEI e Simples girava em torno de R\$ 4.100 ao ano em 2023. No caso dos empregados com carteira, ela ultrapassava R\$ 33.100. Se todos os trabalhadores contratados a partir da reforma de 2017 tivessem sido CLT, a arrecadação pelo Estado teria sido R\$ 144 bilhões maior em relação ao observado.

Mais de 71,3 mil novos MEIs no Espírito Santo

Há mais MEIs no Espírito Santo, do que novas empresas registradas e trabalhadores com carteiras assinadas



O ESPÍRITO Santo fechou o ano passado em 5º lugar no ranking nacional de crescimento percentual na abertura de pequenos negócios. A informação é do DataSebrae e apontou que o estado capixaba ficou atrás de São Paulo, Sergipe, Santa Catarina e Amazonas. No total, foram 91.386 novas empresas no ES, das quais 96,6% são pequenos negócios, abrangendo Microempreendedores Individuais (MEI), Microempresas (ME) e Empresas de Pequeno Porte (EPP).

O levantamento aponta que os MEI seguem liderando as novas aberturas, correspondendo a 75,4% das empresas criadas no ano passado. Ao todo, foram 71.326 novos MEI. Para Pedro Rigo, superintendente do Sebrae/ES, os números são reflexo do ambiente favorável

ao empreendedorismo no estado. "O Espírito Santo tem demonstrado grande capacidade de gerar oportunidades para novos empreendedores. A expansão dos pequenos negócios é fundamental para a dinamização da economia local, geração de empregos e fortalecimento de cadeias produtivas. O crescimento expressivo das pequenas empresas, especialmente dos microempreendedores individuais, mostra que cada vez mais pessoas estão buscando autonomia financeira e investindo em seus próprios negócios", afirmou.

Os dados do ano passado superaram as 16.285 empresas registradas na Junta Comercial do Estado do Espírito Santo (Jucees) - o que não inclui MEI - e 20.527 empregos formais.

Grupo defende a morte assistida no Brasil

O artigo 122 do Código Penal prevê pena de 2 a seis anos para quem instiga ou auxilia o suicídio

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

REPRODUÇÃO DA INTERNET

Um grupo formado por pesquisadores, juristas, profissionais da saúde, artistas e comunicadores acaba de lançar a primeira associação brasileira em prol do direito à morte assistida, a Eu Decido. A organização se inspira em iniciativas semelhantes já existentes no mundo, como a Derecho a Morir Dignamente (direito de morrer dignamente), da Espanha, fundada em 1983 e que só viu seu ideal de morte digna consolidado por lei em 2021.

Um dos idealizadores é o guitarrista Andreas Kisser (Sepultura, De La Tierra, Kisser Clan), que perdeu a esposa, Patrícia, em 2022, devido a um câncer. "Eu não sabia que se podia dizer 'não' para um médico. Tinha uma ideia muito superficial do que era cuidado paliativo, quando ele deveria entrar e por quê. No caso dela, seria clássico para eutanásia: consciente, mas sem funções físicas relevantes, apenas apertando a maquininha de morfina. Mas essa opção não existia; ninguém fala sobre o assunto", lembra.

A partir dessa experiência, ele criou o Movimento Maetria, com o propósito de estimular o debate público sobre morte e finitude, e promove o Patfest, festival que já reuniu artistas como Chitãozinho e Xororó, Sandy, Dinho Ouro Preto, Chico César e outros e cuja quarta edição está marcada para 26 de novembro deste ano.

"O mais importante é a divulgação de que esse cuidado existe. Eu mesmo não sabia o que era um hospice [serviço especializado em cuidados paliativos, com foco em conforto e dignidade, não em cura]. Hoje vejo que, quanto mais respeitamos a finitude, mais valorizamos o presente", diz.

Os recursos arrecadados pelo Patfest são destinados a instituições que levam e ampliam cuidados paliativos para onde esse serviço especializado é escasso, como a Favela Compassiva.

A presidente da associação é a advogada e professora Luciana Dadalto, especialista em bioética e em testamento vital - documento que registra antecipadamente as decisões de uma pessoa sobre tratamentos médicos que deseja ou não receber caso não possa se expressar no futuro.

Embora as temáticas de testamento vital, cuidados paliativos e morte assistida tenham interfaces entre si, a nova associação enfrenta um terreno particular-



O movimento "Eu Decido" adota a nomenclatura da Federação Mundial de Direito de Morrer: "morte assistida"

“Queremos informar que existe no Brasil, uma associação que luta pelo direito à morte assistida”

mente pedregoso. Para que pessoas com doenças graves, conscientes e em sofrimento intolerável possam escolher como morrer, é preciso que a lei mude.

Um dos principais obstáculos jurídicos é o artigo 122 do Código Penal, que prevê pena de dois a seis anos para quem induzir, instigar ou auxiliar outra pessoa a se suicidar -incriminando, portanto, o suicídio assistido e outras formas de morte assistida. Esse enquadramento criminal não faz distinção entre casos de sofrimento intolerável em doenças graves e incuráveis e outras situações, o que impede qualquer prática legal nesse sentido.

Dadalto reforça que não é função da Eu Decido auxiliar ou facilitar o processo de morte assistida propriamente dito, tampouco fazer ponte com organizações estrangeiras que dão esse suporte. "Queremos levar a informação de que existe hoje, no Brasil, uma associação que luta pelo reconhecimento da morte assistida como um direito. Não é uma corrida de cem metros, é uma maratona. Uma conversa que leva tempo".

Comissões especializadas

REPRODUÇÃO DA INTERNET

PARA AVANÇAR nas discussões, foram criadas comissões especializadas para iniciar conversas com diferentes setores -de religiões a conselhos de classe da saúde. O CFM (Conselho Federal de Medicina), por exemplo, tem adotado ideais pró vida e posições antiaborto.

"Se você não concorda [com morte assistida], simplesmente não escolha para você. Ninguém vai ser obrigado a seguir esse caminho. Mas me deixe ser livre na minha escolha", defende Andreas Kisser. "É um tema social amplo, que envolve jornalistas, capelães, profissionais de saúde, pacientes e leigos. Viver com dignidade inclui ter o direito de escolher como e quando encerrar a própria vida", acrescenta Dadalto.

Entre os temas a serem levados a esses encontros está o esclarecimento de que a defesa da morte assistida feita pela associação não inclui casos de transtornos mentais ou sofrimento psíquico isolado, e sim situações de doenças graves, incuráveis e em estágio avançado, em que o paciente mantém plena capacidade de decisão.

A Eu Decido adota a nomenclatura da Federação Mundial de Direito de Morrer: "morte assistida" é o termo guarda-chuva. Quando a substância letal é administrada



Há países em que a morte assistida é regulamentada e custa caro

por um médico, convencionase que é "eutanásia". No suicídio assistido, ou morte assistida auto-administrada, o médico prescreve a medicação e o próprio paciente a toma.

No contexto global, o tema avançou em países como Bélgica, Holanda, Canadá e Nova Zelândia. Na América Latina, a Colômbia garantiu o direito por decisões judiciais, o Equador descriminalizou a prática em 2024 e, no Peru, a autorização ocorreu de forma individual, por decisão da Suprema Corte em 2022.

Entre os fundadores da Eu De-

cido estão dois jornalistas que também publicaram obras sobre o tema. "O Dia em que Eva Decidiu Morrer", de Adriano Silva (Vestígio, 2025), narra a história real de uma brasileira que optou pelo suicídio assistido na Suíça, explorando ainda aspectos jurídicos e éticos da decisão. Já "O Último Abraço - Uma História Real sobre Eutanásia no Brasil", de Vitor Hugo Brandalise (Record, 2017), reconstrói o caso de um casal de idosos que decidiu morrer junto, explorando o contexto afetivo, social e legal dessa escolha. (Folhapress)

Jadson Titânio: um vulto da cultura afro-brasileira

Seu envolvimento com a cultura ballroom e na casa de Lacreia Kuntty são marcos importantes

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

Do norte ao sul do Espírito Santo o nome de Jadson Titânio ecoa como símbolo de resistência, criatividade e afirmação identitária. Artista multifacetado, educador e orientador social, ele construiu sua trajetória a partir de um compromisso profundo com as culturas afro-brasileiras e urbanas, transformando arte em ferramenta de pertencimento e transformação social.

Nascido em Cariacica e criado em Pinheiros — território marcado pela luta e pela força comunitária —, Jadson cresceu cercado por música, dança e poesia, elementos que moldaram seu olhar e sua forma de atuar no mundo. Hoje, transita com naturalidade entre as danças urbanas, a cultura ballroom e o audiovisual, sendo referência na condução da Casa de Lacreia Kuntty, espaço de acolhimento, empoderamento e expressão.

Nesta entrevista, Jadson — que atua como educador social dos CRAS de Cariacica — reflete sobre sua trajetória, suas referências, a potência transformadora da arte e os desafios de ser um agente cultural negro no Espírito Santo.

ES Hoje: De que forma suas vivências moldaram o artista e o educador que você é hoje?

Jadson Titânio: Nascer em

DIVULGAÇÃO



“Artículo passado, presente e futuro trazendo ancestralidade, cotidiano e o sonho como direção”

Cariacica, mais especificamente no bairro Alice Coutinho — fruto do movimento sem-terra — foi como ser gestado pela própria resistência. Esse território me ensinou que existir é um ato político, e que a cultura afro-brasileira não é apenas expressão artística, mas também ferramenta de transformação social. Crescer nesse ambiente me conectou desde cedo com as tradições negras: a música que ecoava nas ruas, as danças que contavam histórias, e a poesia que dava voz ao invisível. Essas vivências moldaram não só o artista que sou, mas também o educador social que entende que ensinar é compartilhar vivência, é construir pontes entre o saber popular e o conhecimento acadêmico. O bairro Alice Coutinho foi minha primeira escola de identidade. Hoje, seja nas danças urbanas, na cultura ballroom ou na Casa de Lacreia Kuntty, levo comigo esse território como bússola. Ele me ensinou que cultura é território, e que cada passo que dou como artista é também um passo de afirmação, de cura e de construção coletiva.

Você transita por diferentes linguagens — dança, música, poesia e audiovisual. Como essas expressões se encontram no seu trabalho e se alimentam mutuamente?

A dança é o meu corpo em movimento, carregando memórias e narrativas que não cabem em palavras. A música é o ritmo que pulsa dentro de mim, conectando o espiritual ao cotidiano. A poesia é a voz que nomeia o que muitas vezes é silenciado, e o audiovisual é a lente que amplia, documenta e eterniza tudo isso. Essas linguagens se alimentam mutuamente porque vêm da mesma fonte: a vivência negra, periférica, capixaba. No fim, meu trabalho é como um tambor: feito de várias partes, mas que só vibra quando todas estão em sintonia.

O seu envolvimento com a cultura ballroom e a liderança na casa de Lacreia Kuntty são marcos importantes. Qual é o papel desse movimento na construção de identidade, pertencimento e resistência para as juventudes negras e LGBTQIA+ no Espírito Santo?

A cultura ballroom, para mim, é mais do que performance — é território de afeto, resistência e reconstrução. No Espí-



DIVULGAÇÃO

Titânio, com dança, música, poesia e audiovisual, atua como educador social dos CRAS de Cariacica

rito Santo, ela tem sido um espaço essencial para que juventudes negras e LGBTQIA+ possam se reconhecer, se expressar e se fortalecer diante de uma sociedade que muitas vezes insiste em apagar nossas existências. A Casa de Lacreia Kuntty, da qual sou liderança, é um espaço onde cada pessoa pode ser quem é, sem pedir licença. É família escolhida, é abrigo político, é escola de vida. Ali, a arte se mistura com cuidado, com escuta, com acolhimento. Cada ball, cada vogue, cada runway é uma afirmação: "Eu existo, eu sou belo, eu sou forte". Ballroom constrói identidade porque permite que corpos historicamente marginalizados ocupem o centro da cena.

Já foram vários prêmios em dança, cinema e iniciativas culturais. Qual desses reco-

nhcimentos tem um significado mais especial?

Cada prêmio carrega uma luta, mas tem um que é meu currículo de vida: prêmio selo UNICEF. Reconhecimento que mais me marcou foi aquele veio da mudança da própria comunidade. Quando um jovem diz que se inspirou num projeto meu para seguir na arte, isso vale mais que qualquer troféu.

No seu trabalho, passado, presente e futuro dialogam o tempo todo.

Eu articulo passado, presente e futuro trazendo a ancestralidade como base, o cotidiano como matéria viva e o sonho como direção. Cada criação é um encontro entre o que fomos, o que somos e o que queremos ser. Misturo tradição com inovação, memória com urgência, porque só assim a arte se torna

ponte entre tempos e gerações isso é ser afro futurista

O Espírito Santo ainda é pouco visível no cenário nacional quando se fala de cultura negra. O que falta para ampliar essa projeção e quais caminhos você enxerga para mudar esse quadro?

O que falta é visibilidade real, políticas públicas consistentes e espaços de valorização que não sejam apenas pontuais. A cultura negra capixaba é rica, diversa e potente, mas muitas vezes é silenciada ou marginalizada. Pra mudar esse quadro vejo caminhos como fortalecer redes locais de artistas e produtores negros, criando coletivos que se apoiem mutuamente. Investir em formação e circulação, pra que nossos trabalhos cheguem a outros estados e ganhem espaço em festivais, editais e mídias.